

# A linguística do império

» SACHA CALMON

Advogado, coordenador da especialização em direito tributário das Faculdades Milton Campos, ex-professor titular da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), presidente da Associação Brasileira de Direito Financeiro (ABDF) no Rio de Janeiro

Os norte-americanos, como os romanos, cujo império durou um milênio e meio (220 a.C. a 1.486 d.C., somando-se Roma e Constantinopla), são hábeis homens de negócios, guerreiros sistemáticos e juristas pragmáticos (o direito como práxis, e não como disciplina metafísica ou afazer burocrático).

Os romanos comerciavam em todos os lugares do mundo que naquela época importavam, como a bacia do Mediterrâneo e terras a ela próximas. Os americanos o fazem globalmente. A máquina de guerra é gigantesca, o poderio econômico diversificado e a penetração cultural (língua, música, entretenimento etc.) impressionantes, embora de baixa qualidade...

Quando vamos nos livrar disso? Os jovens acham o inglês intuitivo e fácil e o francês difícilimo. A pronúncia dos ditongos franceses para eles é um tormento. Dos verbos e da gramática nem se fala, ante a facilidade inglesa. Eles se decepcionam com a dificuldade doutras línguas, não apenas as latinas (espanhol, francês, italiano, romeno, romano, catalão), como também as germânicas, notadamente o alemão e as eslavas, como o russo. Isso ocorre porquanto o inglês soa nos nossos ouvidos 24 horas (música, manuais de uso, internet etc.). É uma língua prática. Não tem declinação, sintética, objetiva e, ademais, com um vocabulário altamente composto por palavras latinas e francesas (dizem que por volta de 60%). O que explica isso?

Guilherme, duque da Normandia, reclamou para si o trono vago da Inglaterra (não era ainda o Reino Unido). Negado, ele invadiu a ilha e a dominou por completo. Trocou um condado por um reino, entrando para a história. Por isso, o inglês, além de *freedom*, conhece a liberdade com o nome de *liberty* (de *liberté*). De certo modo, a aristocracia inglesa é toda ela originária da Normandia e da França, porquanto alguns chefes de regimentos eram franceses e se tornaram senhores feudais na ilha. Os vencidos perderam seus comandos e suas terras tribais, tornaram-se vassalos dos novos senhores (suseranos).

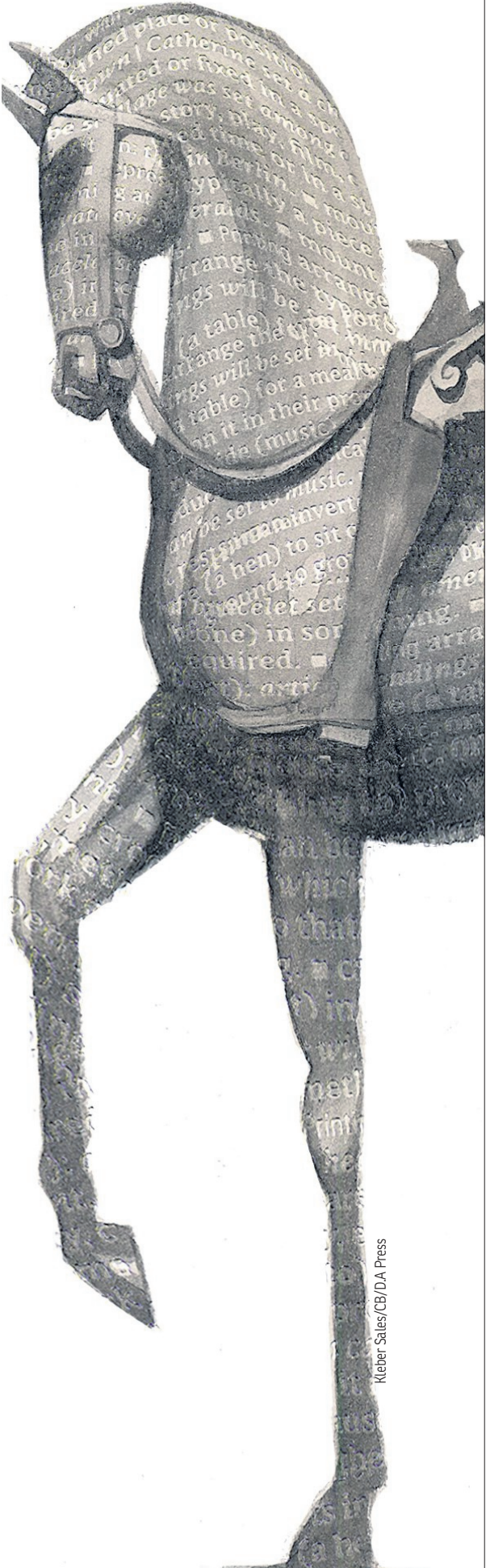
Os normandos, no primeiro século do segundo milênio d.C., impuseram a língua francesa às elites (eles próprios e poucos anglo-saxões, seus aliados), instaurando o feudalismo. Os religiosos dominavam o latim, e o povo ficou relegado ao seu falar, sem resistência de língua culta alguma. Era uma algaravia de dinamarquês, dialetos anglos e do alemão antigo dos saxões (da região alemã da Saxônia).

A língua do povo dominado evoluiu segundo a eufonia e a lei do menor esforço, como todas as linguagens da terra. É mais fácil dizer “eu vai” e “nós vai”, do que “eu vou” e “nós vamos”. Nada de declinações. Um tracinho indica o possessivo: Sacha’s Bar. Quando o inglês emerge no século 16, já é uma língua estruturada, com um aparato lógico e prático fora do comum, daí a facilidade em aprendê-lo (como dizem os jovens). A partir de então, a academia, na Inglaterra e na Escócia, o torna língua culta. Sua popularidade, bem mais tarde, advinda do poderio americano, já se disse, é avassalador. Somente o grego foi tão falado pelos povos.

Mas, e os normandos, de onde vieram e quem eram? Essa é outra questão superinteressante (nor+man significava “homem do norte”). Antes de se fixarem no Condado da Normandia, voltado para o Canal da Mancha (no outro lado ficava a Inglaterra ou *England*, terra dos anglos), foram ferozes vikings que depredavam os principados alemães e franceses (o nome França deriva das tribos francas, igualmente germânicas, mas que passaram a falar como os latinos porque Roma dominava a Gália incluindo-a no Império).

Pois bem, a certa altura, o rei da França (que era bem menor do que é hoje) cansou de ver Chartres ser rapinada pelos vikings e chamou o maioral da tribo mais poderosa para com ele fazer um pacto de cinco pontos. Eles ganhariam as terras da Normandia, dote do casamento do chefe tribal viking com a sua filha, passariam a falar francês, celebrariam um pacto de aliança eterna com a França e fariam guerra a qualquer outra horda viking que ousasse atacar a Normandia ou a própria França, de quem se declaravam súditos. Os vikings aceitaram e cumpriram à risca o combinado. Tomaram mulheres francesas por esposas, abandonaram a língua natal e se tornaram reis, condes e barões na Inglaterra. Vencida por Guilherme da Normandia, o Conquistador.

A língua inglesa é também literária e extremamente musical, embora grossa quando falada pelo vulgo. Seu grande mérito é ter realizado a façanha do esperanto, a língua do planeta Terra que substituiria todas as outras. É a segunda língua de quase todo mundo. Somente outro idioma, falado há oito milênios por quase 2 bilhões de pessoas diariamente, lhe fará frente: o mandarim chinês! O chato é que são completamente diferentes. Voltemos à antiga Suméria, quando, supostamente, Deus confundiu a língua das suas criaturas. Para quê?



Neher Sales/CB/D.A. Press

## Sobre algodão, ciência e embates comerciais

» MAURÍCIO ANTÔNIO LOPES  
Presidente da Embrapa

Outubro começou com uma boa notícia para a nossa agricultura. O Brasil encerrou uma disputa que se estendia há mais de uma década, em razão dos subsídios e dos programas de garantias de crédito à exportação concedidos pelos Estados Unidos a seus produtores de algodão. Essas vantagens desrespeitavam os Acordos de Agricultura e de Subsídios e Medidas Compensatórias da Organização Mundial do Comércio (OMC) e prejudicavam os agricultores brasileiros.

O entendimento agora firmado inclui pagamento de US\$ 300 milhões, para atenuar prejuízos sofridos pelos cotonicultores brasileiros, além de ajustes no programa americano de crédito e exportação do algodão, que passará a operar de acordo com parâmetros negociados entre os dois países. Essa foi uma vitória importante contra o protecionismo e propiciará melhores condições de competitividade para os produtores brasileiros no mercado internacional.

Lições importantes emergem desse contencioso. A primeira delas é que a mobilização dos produtores é essencial para que o setor agrícola brasileiro aumente seu poder de barganha. A ação competente e sinérgica da Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa) e do Ministério das Relações Exteriores garantiu o sucesso do Brasil nessa empreitada. Sucesso que nos inspira a buscar abertura de mercado para um amplo conjunto de produtos agrícolas que, de forma semelhante, padecem de competição injusta.

Outra lição importante: os investimentos em desenvolvimento científico e tecnológico nas últimas décadas transformaram o Brasil em grande produtor e exportador de

algodão de alta qualidade. A competitividade decorrente desses avanços atraiu a atenção dos grandes consumidores globais e fortaleceu a posição brasileira contra as práticas injustas de comércio. A capacidade tecnológica brasileira estimulou investimentos, viabilizou políticas públicas acertadas e encorajou produtores competentes e empreendedores. E a cotonicultura brasileira tornou-se uma das mais tecnificadas, eficientes e competitivas do mundo.

O cultivo do algodão migrou do semiárido para o cerrado, tângido por uma praga agressiva, o inseto conhecido como bicudo-do-algodoeiro. No Centro-Oeste, beneficiou-se de solos recuperados e práticas modernas de cultivo aplicáveis a grandes áreas. A pesquisa foi capaz de produzir variedades adaptadas com fibras de alta qualidade. Dos anos 1990 até o presente, a produtividade do algodão foi multiplicada por quase três vezes, superando 1,5 tonelada de fibra por hectare — a maior produtividade de algodão de sequeiro do mundo. A cotonicultura brasileira alcançou a terceira posição mundial em exportações, que, em 2013, renderam US\$ 1,2 bilhão. Acrescente-se a isso impactos na indústria têxtil, em máquinas, equipamentos, insumos, além da significativa geração de emprego e renda.

O desfecho favorável para o Brasil do conflito em torno do algodão reforça, portanto, uma convicção: ciência e inovação representam importantes motores da competitividade. Sem uma base bem estruturada de geração de conhecimentos e inovações, não se pode conquistar e manter posição competitiva, de maneira sustentável, em mercados cada vez mais dinâmicos,

exigentes e desafiadores. O Brasil tem feito seu dever de casa ao longo das últimas quatro décadas. Desenvolvemos um modelo de agricultura baseado em ciência que revolucionou a produção e a oferta de alimentos, fibras e energia renovável.

A pesquisa agropecuária brasileira tem funcionado como uma locomotiva limpatrilhos, que vai adiante, removendo gargalos e limitações. Tropicalizamos cultivos e criações de animais antes relevantes apenas em regiões temperadas. Igualmente, transformamos nosso cerrado ácido e pobre em nutrientes em imensas extensões de solos férteis. A superação desses gargalos permite que a “locomotiva” do setor privado venha logo em seguida, investindo com determinação e segurança. É uma sinergia vencedora.

A medida que o Brasil avança como grande produtor agrícola e competidor mundial, novas barreiras serão colocadas ante os produtos nacionais, em especial nos mercados mais competitivos, sofisticados e rentáveis. Alianças público-privadas para a proteção da agricultura e o combate a práticas injustas de comércio serão cada vez mais necessárias. Por sua vez, inovação tecnológica será fator crítico para atendimento à diversidade de demandas de países importadores e alinhamento aos rígidos padrões de qualidade que se renovam tanto nos âmbitos nacional e internacional.

O caso do algodão nos mostra que o investimento continuado em pesquisa, desenvolvimento e inovação dará ao Brasil chances cada vez maiores de sair vitorioso em novos embates comerciais que se anunciam para o futuro.



**ARI CUNHA**  
DESDE 1960  
**VISTO, LIDO E OUVIDO**  
aricunha@dabr.com.br  
com Circe Cunha // circecunha.df@dabr.com.br

## Desaposentação

Nenhuma solução, minimamente razoável, poderá advir do Supremo Tribunal Federal ou de qualquer outra instância do Estado, capaz de resolver o nó na previdência do país, enquanto o Congresso não encarar de vez e suprapartidariamente a tarefa que lhe cabe e votar a reforma definitiva no sistema. Acreditar que o STF possa legislar sobre o assunto, mesmo em caso de vácuo do Legislativo, é empurrar o assunto para frente sine die. O caso, agora em tela no Supremo, diz respeito ao processo de desaposentação, no qual o trabalhador aposentado retorna ao mercado de trabalho, pagando contribuição ao INSS e requer a correção do benefício com base na nova contribuição feita. O relator do caso, ministro Roberto Barroso, ao dar parecer sobre a questão, escolheu o caminho do meio, no qual as vantagens para o assegurado e o sistema não signifiquem nem ganhos reais para um nem prejuízos de monta para outro. A solução, em forma de conciliação das partes, embora equilibrada, não resolve o problema maior que é a própria sobrevivência da previdência nos moldes em que ela é estruturada atualmente. Acreditar também que a reforma da previdência pelo Congresso significará, por si, a solvência do sistema é perder tempo. A previdência, como parte do conjunto macroeconômico do Estado, só terá seu futuro assegurado caso sejam providenciadas as reformas do próprio Estado, incluídas aí as reformas políticas, tributárias e fiscais. Estudos das Organizações das Nações Unidas concluem que, entre 2000 e 2050, a população idosa brasileira aumentará de 7,8% para 23,6%, movimento contrário ao do percentual de jovens, que deve cair de 28,6% para 17,2% do total. As projeções apontam, ainda, que, em 2045, o número de pessoas idosas deve ultrapassar o de crianças. O problema, por sua complexidade e por conta do aumento na expectativa de vida das pessoas, tem sido o centro das preocupações de governos em todo o mundo. Aqui não poderia ser diferente. Ao apresentar seu argumento contra a desaposentação, o governo ressalta que o assegurado que requer novo cálculo com base na nova contribuição estaria “quebrando a lógica do sistema”. Em outras palavras, o que o governo reconhece, por meio de sua advocacia-geral, é que o sistema, por suas características solidárias, funciona, mais ou menos, como um sistema de pirâmide, em que a quebra de um ente representa o colapso de todo o conjunto.

### » A frase que não foi pronunciada

“Chamar para a verdade é um jeito corajoso de governar.”

Tancredo Neves, de onde estiver, com um sorriso orgulhoso.

#### Dia das Crianças

» Crianças são sempre um oxigênio no lar. Hoje, Dia das Crianças, vamos curtir essa inocência para variar um pouco. Aí vão algumas tiradas dos pequenos trazidas pelas mães e publicadas na internet.

#### Espelho, espelho meu

» Sabendo da sinceridade de Matheus, a mãe perguntou, felicíssima com a mecha roxa feita na franja: “Filhinho, o cabelo da mamãe está bonito?” “Agora não, mãe. Quando esse roxo sair, daí vai ficar.”

#### Esse, não!

» Pedro, aos três anos, estava com a mãe montando Lego, quando ela pediu para que esperasse um pouquinho, que iria trocar o irmão. Ao ouvir aquilo, o garoto, desesperado, dizia: “Mamãe, por favor, não troca o bebê não! Não, não! Eu já gosto desse”.

#### Pecúnia

» Alec queria porque queria um irmãozinho. Quando o pai perguntou a razão da demora, a mãe respondeu sem delongas. “Ter filho é muito caro.” Pela pergunta, o pequeno não entendeu nada. Perguntou, assustado: “Então eu fui comprado?”.

#### Pílula

» Depois disso, Alec flagra a mãe tomando pílula. Já não bastasse a complicação do mundo dos adultos, ele quis saber o que era aquilo. A mãe, que não fala em códigos, disse que era para não ter mais filhos. O pequeno Alec, com a imaginação à toda, perguntou: “Então vou desaparecer?”.

#### De volta

» Desta vez, foi Rafael, que, por um pedido médico, precisou tirar uma amostra do sangue. Ao ver a parafernália, olhou para a técnica e perguntou seriamente: “Depois a senhora vai devolver o meu sangue?”.

### » História de Brasília

A construção do Bloco 34 da Quadra da Coreia precisa passar por uma sindicância de técnicos. É que a construção é de tal forma mal feita, que a água desce pelo globo dos apartamentos, cai na sala, inutiliza o taco e escorre pelas escadas. (Publicado em 29/7/1961)